

Lugar 1 —

nesse lugar havia uma mulher que não queria ter filhos de seu ventre. Pedia aos homens que lhe trouxessem os filhos de suas mulheres para educá-los numa grande casa de um só quarto e de uma só janela; usava um xaile preto junto de seu rosto; tinha uma maneira distante de fazer amor: pelos olhos e pela palavra. Também pelo tempo, pois desde os tempos de sua bisavó, voltar a qualquer época era sempre possível. A mover-se, olhava por vezes com fixidez um sítio o mais belo de sua casa a casa toda porque toda a casa era bela e começava nesse olhar ora o tempo das crianças, ora o tempo dos homens. Mulheres, não havia outra, além dela, nunca ultrapassavam a entrada, que dava para a terra, terra de jardim onde se podiam dar passeios. Os homens ficavam contentes porque ela dizia todas as vezes não és tu que me importas, é o seguinte. Certificavam-se, portanto, de que, no momento antes, haviam sido o próximo. Sentava-se no seu quarto (em toda a parte) e dava-se a palavra sobre o dedo indicador ligeiramente curvado como se servisse um aperitivo ou um peixe. Nunca pensava que talvez se situasse no fragmento de um astro arrefecido ou que poderia, com uma planta poderosa, envenenar mas, não havendo outra mulher na casa, havia

muitas vezes que, dos vários cantos, pareciam todas vir ao seu corpo e que se não calavam quando falava
havia um cortinado na janela
que servia de lugar de retiro espiritual às crianças que, algumas vezes, desejavam partir para a mulher, em troca, receber novos amantes
ali copiavam a Subida do Monte Carmelo, de São João da Cruz, riam, ouviam a voz que lia pausadamente o que elas tinham escrito e que, no fim, até mesmo lhes imitava o riso é preciso saber que uma alma riso deve geralmente passar primeiro por duas noites a que os místicos chamam purgações riso ou purificações da alma e a que nós aqui daremos o nome de noites riso porque a alma caminha como de noite, e na obscuridade; é preciso saber que para estas crianças este riso não significava escárnio; por pura e extrema ignorância, outras crianças inventavam houve nesta sala uma cadeira de estofado rasgado onde se ouvia o mar, mal lá púnhamos o ouvido; agora, as molas já estão estragadas
o gato da casa entrava tu vives na alternativa de seres um gato real ou um objecto de realeza e os papéis resvalavam para o chão sem que se importasse: papéis, crianças, amantes, São João da Cruz sempre haveria: quando se levantou porque uma criança a chamou ao locutório lugar do jardim por detrás de uma parede da casa, já sabia que a rapariga lhe desejava falar; escutava tão atentamente o que ela expunha que, passadas duas horas, sentia dores na nuca e também no crânio; parecia-lhe, como sempre que conversava durante muito tempo, que as palavras lhe caíam nos próprios olhos, os dilatavam e afundavam; a rapariga queria obter uma resposta e ela lembrava que não existiam precedentes; no entanto, ia pensar, estar com algumas crianças e os papéis, e talvez com São João da Cruz, que encontraria em qualquer parte.
Encoberta pela mesa e sempre pronta para escrever, sonhou com um grupo de homens e São João da Cruz, carmelita

descalço, sentado em frente de um forno, a assar carne de carneiro; a testa começava a bronzear, vermelha, entre ondas de cheiro; percebia-se, pela fixidez da expressão, que entrara na noite obscura e que ou o seu livro, ou as suas mãos, ou os seus pés estavam agora deitados no tabuleiro e atravessavam chamas e circunstâncias de resultados imprevisíveis. E que não escrevia: recolhera o punho direito dentro da manga e pela transparência do tecido reconhecia-se apenas a imagem

de quem pedia que fosse recebido o prisioneiro; a sonolar na cadeira, um fumo de tabaco subia-lhe entre os dedos, enquanto a mulher rodava em torno do pulso o bracelete:

nunca mais me tragas uma mensagem que não saiba dizer-me o que desejo. A porta fechou-se com uma ligeira

deslocação de ar

que agitou o xaile

que escrevia para procurar o livro; pequena frase, uma vez encontrada, voltou a perder-se; levantou a mão para fazer uma pergunta, então esquecida; olharam em sentido inverso, a pergunta surgiu na mulher sob a forma de um sorriso; hesitou no s, como se fosse escrever São; do corpo de São João da Cruz canonizado o fumo subia e a pergunta, fogo doce da rapariga. Apoiou o cabelo no espaldar da cadeira olhando para cima e quando distinguiu em frente ritmava com os dedos através de um longo caminho de contemplação obscura e de aridez; teve que percorrer muitas linhas até o encontrar no meio da página depois de um espaço horizontal branco que parecia uma outra margem ali na página.

Lugar 2 —

«que penetras tão intimamente e ternamente a substância da minha alma e a glorificas com o teu glorioso ardor pois que desde agora, na tua grande amabilidade, tu me mostras quanto desejas entregar-te a mim como em vida eterna; se, antes, as minhas preces não chegavam até a ti — quando com ansiedades e fadigas de amor em que o meu espírito e o meu sentimento viviam sofrendores

Chamo-me Ana del Mercado y Peñalosa. Para sair ponho à volta do pescoço uma fita de veludo. Gosto perdidamente de escrever (e de desaparecer na escrita) Não gosto de ler. Gosto de ouvir música como se eu mesma a escrevesse.

De hoje em diante, já não consigo separar a leitura da escrita; (se pudesse olhar o texto a produzir-se, voltaria de novo a ler).

Nasci em Segóvia onde possuo grandes bens de fortuna, fiquei viúva de Don João de Guevara.

devido à minha cobardia e à minha tão grande impureza e à fraqueza do meu amor, eu te pedia que me raptasses e me levasse contigo tanto quanto a minha alma o desejava ardentemente porque a impaciência do amor não me permitia conformar-me com a condição de vida em que tu querias que eu, por mais algum tempo, vivesse ainda; e, se as antigas investidas de amor, não tendo a qualidade necessária para alcançar os efeitos do meu desejo, não foram suficientes, agora, que me sinto tão forte no amor que já não somente o meu espírito e os meus sentidos não desfalecem em ti, mas que, ao contrário, o meu coração e a

Sem vestido, pego no baralho de cartas que ponho sobre um dos joelhos e digo ouro ou espadas, vermelho ou negro. Se saírem ouros ou copas faço amor imediatamente. Se saírem espadas ou paus é necessário esperar cinco minutos olhando intensamente um objecto que eu própria escolho e que pode ser uma almofada, um candeeiro, um retrato ou um dos ramos de flores substituídos todos os dias por uma das crianças mais altas que me sucederá indeterminadamente.

Tempo das hemorróidas, ou seja, tempo das doenças, tempo do tempo: escrevo sempre com o caderno aberto sobre o livro o que me permite comparar a escrita saída do baralho com a já impressa. Comer depois de olhos semicerrados e a ouvir música dá-me um grande prazer.

As crianças crêem que a memória me rejuvenesce e São João da Cruz teve a visão que eu sou a moldura de um retrato de família.

minha carne rejubilam em Deus vivo sustentados por Ti numa grande conformidade de ambas as partes — que faz que suceda que eu te peça o que tu desejas que eu peça e não te peça o que não desejas, e mesmo nem sequer poderia pedi-lo, e nem pedi-lo me ocorre — já que para o futuro, os meus pedidos são mais eficazes e de maior valia a teus olhos, como vindos de Ti que me incitas a fazê-los, eu te suplico com gosto e alegria (os meus juízos saindo desde hoje de teu rosto — o que acontece quando recebes e escutas as preces): quebra a delicada tela desta vida».